

# O Comunista.

Orgão da Liga Comunista Internacionalista  
(REGIÃO DO RIO)

Parisi, 19. de Junho de 1934 - Nº. 3 - Ab. 100

## A IV INTERNACIONAL ATERRORIZA A BURGUESIA

### A Expulsão do Camarada Trotsky da França

Genebra, 20 de abril de 1934.

O Bureau de Imprensa da LCI (b-1) comunica:

O governo Doumergue-Tardieu-Herriot decidiu retirar ao cam. Trotsky a autorização de residir em França, que lhe foi dada pelo governo precedente das "esquerdas". Esta decisão tomada bruscamente, com consequência de uma campanha desencadeada pelas forças do facismo na França, de pleno acordo com a Sureté Générale (Policia Central) é uma nova demonstração da evolução da situação francesa no sentido da liquidação das liberdades democráticas dos trabalhadores.

É inútil repisar aqui as circunstâncias falsas e mentirosas que serviram de pretexto a grande imprensa francesa para distrair a atenção de seus leitores da podridão dos escândalos do dia com a "descoberta" de Trotsky em Barbizon, onde o nosso camarada morava sob a vigilância constante da policia. A realidade é outra. E a grande imprensa burguesa francesa e dos outros países não o esconde: expulsam Trotsky, e o disseram com todas as letras na sua qualidade de "agitador revolucionário", como "animador da IV Internacional". E é isso mesmo.

A expulsão do cam. Trotsky da França é a resposta da burguesia francesa ao manifesto da Liga dos Comunistas Internacionalistas que alertou o proletariado mundial sobre o perigo do facismo na França e convidou os operários de todos os países a sustentar as lutas do proletariado francês em nome da IV Internacional.

A idéia da IV Internacional apenas nascida já aterroriza a burguesia de todos os países. Na Holanda, prendem-se os jovens revolucionários que são entregues a Hitler porque procuram o caminho da IV Internacional, capaz de trazer a verdadeira unidade revolucionária ao proletariado do ao proletariado e sua mundial e a sua vitória; tentam amotinar as forças da reação facista contra os comunistas-internacionalistas, e de jogar fora da lei a nossa organização e de dar caça aos seus militantes. A burguesia, advertida pelo seu instinto de classe, compreende que as idéias e a politica dos comunistas-internacionalistas, as idéias e a politica de Trotsky, são a continuação das idéias e da politica de Lenine, do bolchevismo internacional, da revolução mundial.

De que a burguesia acusa a organização dos comunistas-internacionalistas de França? De sustentar a necessidade de constituir uma frente única de todas as organizações (Aliança Operária), de formar milicias armadas, pois para disolver e desarmar os bandos facistas o único meio é o armamento dos trabalhadores, de combater toda ilusão democrática ao mesmo tempo que leva a efeito uma luta ardente pela defesa das liberdades democráticas dos trabalhadores. É esta politica realista e revolucionária que a burguesia, que aspira instalar o facismo, teme acima de tudo. É esta politica que os operários de França e de todos os países devem apoiar e defender.

O golpe de força do governo Doumergue-Tardieu-Herriot contra o camarada Trotsky é um novo sinal do ataque que se prepara contra as organizações operárias na França. Ele não deve passar sem resposta por parte dos operários. Se permitirmos que se toque na liberdade de imprensa e de organização dos trabalhadores, qualquer que seja a tendência a que pertençam, é dar demonstração ao facismo que pode avançar, multiplicar os seus crimes, desfechar seus golpes. Os operários não devem permitir isso, que foi o que se passou na Itália, na Alemanha e na Austria, defendendo com o direito de asilo para os revolucionários, as suas próprias liberdades e seus próprios direitos.

Nenhum atentado à organização dos comunistas internacionalistas! Nenhum atentado à sua liberdade de imprensa e de reunião!

Para abater o facismo na Europa é preciso impedir o facismo de vencer na França. O caminho da IV Internacional é o caminho de vencer o facismo na França e para estender a vitória dos trabalhadores em todos os outros países.

Sob a bandeira da IV Internacional!

Viva a Liga dos Comunistas Internacionais!

Edições Marxistas

"O ESTADO E A REVOLUÇÃO"

Uma empresa editora de São Paulo lançou, há pouco, no mercado de livros, uma obra de Lenine, "O Estado e a Revolução", cujo conhecimento era uma necessidade para todo operário militante de vanguarda. A obra foi escrita na Suíça, nas vésperas do triunfo bolchevique na Rússia, restabelecendo a doutrina de Marx e Engels sobre o Estado, desvirtuada pelos social-democratas e pelos mencheviques. Reafirma o conceito do Estado como órgão de domínio de uma

classe sobre outra e a necessidade da ditadura do proletariado (para quebrar a resistência do capitalismo) no período de transformação revolucionária da sociedade capitalista em sociedade comunista.

O Estado irá definindo com o esmagamento do capitalismo, o desaparecimento das contradições herdadas pelo capitalismo e a construção do socialismo. O definimento do Estado opõe-se ao negativismo dos anarquistas, mas os reformistas desde anos, mas os reformistas desde anos, só lembravam a ideia da concepção marxista, esquecendo a que continha o plano revolucionário, isto é, a necessidade de destruir toda a máquina do Estado burguês, aniquilá-la pelo proletariado em revolução.

Assim, o livro é, ao mesmo tempo, um combate ao anarquismo e ao reformismo. Hoje, a obra de Lenine exigiria, certamente, um complemento. De um lado, o arsenal histórico, contra o reformismo e o anarquismo, enriqueceu-se de novas armas tiradas da experiência dos acontecimentos posteriores à obra, como a Revolução Russa e o fracasso internacional do reformismo. De outro lado, nos vos capítulos fazem-se necessários sobre a experiência da Revolução Russa e o exame do Estado Soviético e do Estado facista. Assim como Lenine teve de combater a deformação reformista da concepção marxista do Estado, castrada no seu conteúdo revolucionário, é necessário, 17 anos depois, restabelecer a concepção do Estado de Marx, Engels e Lenine contra a deformação stalinista, que também a castra no seu conteúdo revolucionário internacionalista.

À luz das afirmativas da burocracia e da teoria do socialismo num só país, é impossível conceber a essência da doutrina marxista sobre o definimento do Estado. Molotov anuncia-nos, pa-

Na o segundo plano quinquenal, o "desaparecimento das classes", mas na da nos diz do definhamento do Estado, da extinção do Exército Vermelho, da GPU, dos isoladores, etc. Um Estado dentro de uma sociedade sem classes... O Estado dentro de uma sociedade comunista...

"O Estado aparece onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objetivamente ser conciliados," - ensina Lenine logo nas primeiras paginas da brochura.

Assim, pois, de duas, uma: ou stalinismo é incompatível com o leninismo, que faz a afirmativa acima, ou Molotov mente descaradamente quando, em nome de Lenine, anuncia a "sociedade sem classes". Não foi a-tor que Lenine escreveu, quando, ao referir-se ao destino dos grandes revolucionários, parecia prever, igualmente, o seu próprio destino; ... "depois de sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, ... enquanto se castra a substância do seu ensinamento revolucionário embotando-lhe o gume, aviltando-o." (Pg. 19/20).

Na Moléstia Infantil, Lenine aponta o anarquismo como "uma espécie de expiação dos pecados oportunistas da vanguarda operária". Hoje, o nacional-comunismo, por seus crimes monstruosos, ressuscita o cadáver do anarquismo e o apresenta ao proletariado.

Omitindo todo o ensinamento marxista sobre o definhamento do Estado, incompatível com a edificação do socialismo num só país, o stalinismo abre caminho ao anarquismo. Ontem, a social-democracia fechava os olhos sobre uma das faces da doutrina; hoje, o stalinismo fecha os olhos sobre a outra face.

É, pois, tarefa dos comunistas-internacionalistas restabelecer a teoria de Marx e Engels, não só contra os anarquistas e os reformistas, mas também contra os burocratas centristas.

F A C I S M O E C O M U N I S M O

A demagogia integralista, de um lado, e os métodos de luta do stalinismo, de outro lado, fazem com que muitos operários ainda confundam comunismo e facismo.

Desfazer essa confusão é o nosso dever de revolucionários. O pouco espaço de que dispomos em nosso pequeno jornal só permite que chamemos a atenção dos operários para as diferenças principais, entre muitas, que colocam o facismo e o comunismo em polos diametralmente opostos. OS COMUNISTAS QUEREM:

(OS FACISTAS QUEREM:

- |   |   |
|---|---|
| 1º- Expropriação e socialização dos meios de produção, que devem pertencer à coletividade e não a um grupo de indivíduos.                       | 1º- Manutenção da propriedade privada dos meios de produção, isto é, do monopólio dos meios de produção por um grupo de capitalistas. |
| 2º- Remuneração do trabalho pela coletividade. Extinção das classes como consequência da abolição da propriedade privada dos meios de produção. | 2º- Manutenção do salaríato na sua forma atual, isto é, como sujeição das operários aos capitalistas.                                 |
| 3º- Internacionalismo, com extinção das fronteiras e das guerras.   | 3º- Nacionalismo, com a divisão dos países e as guerras.  |
| 4º- Extinção das forças armadas   | 4º- Fortalecimento das forças armadas.  |
| 5º- Estado proletário, transitório para vencer a resistência da   | Estado burguês, forte e "imperialista", para a defesa do regime   |

burguesia, e que irá definindo a burguesia capitalista, medida que o capitalismo for definindo.

6º - Controle das organizações operárias sobre o Estado, enquanto estas existirem.

6º - Controle do Estado sobre as organizações operárias.

7º - Esclarecimento da consciência dos operários, para que estes compreendam a tapeação religiosa e a man- dem espontaneamente para onde merece

7º - Cooperação com a religião ou com as religiões, para impedir o despertar da consciência dos operários e mais facilmente explorá-los e oprimi-los, mantendo-os na ignorância e na escravidão assalariada.

oooooooooooooooo

### PARA A SINDICALIZAÇÃO LIVRE, A SINDICALIZAÇÃO OFICIAL!

A nova lei de férias veio colocar os proletários revolucionários do Brasil diante deste dilema: ou assistir à morte inglória dos sindicatos livres, ficando a massa trabalhadora sem vanguarda dirigente dentro dos sindicatos ministerialistas, ou, ao contrário, ingressar nos sindicatos ministerialistas e oficializar os sindicatos livres existentes, como medida tática destinada a arrancar da tutela do Ministério do Trabalho o aparelho sindical da classe operária. Tudo tem o seu desenvolvimento dialético: ou o aparelho sindical ministerialista, contando com uma vanguarda revolucionária dirigente, se transforma em aparelho sindical livre, ou, pela ausência dessa vanguarda, ele não passará de mero instrumento da burguesia dominante. A unidade sindical do proletariado se dará de qualquer forma: ou negativamente, pela morte dos sindicatos livres e sua substituição total pelos sindicatos ministerialistas como instrumentos reacionários; ou positivamente, pelo desaparecimento dos sindicatos livres existentes, mas com a transformação orgânica progressiva dos sindicatos ministerialistas em sindicatos livres. Por outras palavras: a lei de sindicalização só será revogada como uma imposição dos próprios sindicatos oficializados dirigidos por sua vanguarda revolucionária. Somente a luta, e nunca as frases ócas da demagogia, é que conseguirá libertar o proletariado organizado da tutela governamental.

Em suma, tendo sempre em vista a revogação da lei de sindicalização, o dever dos proletários conscientes, dos que não têm medo de se corromper porque são incorruptíveis, é ingressar nos sindicatos oficializados, ficar em estreita ligação com a massa trabalhadora, explicar-lhe pacientemente (Lenine) as palavras de ordem de sua vanguarda revolucionária, e lutar por reformas sucessivas, cada vez mais radicais da lei de sindicalização, até a sua revogação completa, como consequência da luta, como resultado dos acontecimentos, da vida, da realidade.

Que os verdadeiros comunistas saibam compreender a dialética da situação e opor a luta de fato, corajosa e perseverante, às frases vazias de meia dúzia de iluminados que se servem da idéia da Revolução para mascarar as piores traições e os maiores crimes.

2  
2 2

A BUROCRACIA STALINISTA ARRANCOU A TROTSKY OS DIREITOS DE CIDADÃO SOVIÉTICO. RESPEITANDO O DECRETO REACIONÁRIO DE STALIN, A BURGUESIA FRANCESA NÃO "OUSAR" EXPULSAR TROTSKY PARA A U. R. S. S. SERIA, EVIDENTEMENTE, UM MAL NEGÓCIO PARA STALIN E PARA A BURGUESIA FRANCESA.

272  
15

## "DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA"

Para atacar o comunismo, não recuam os lacaios do capitalismo diante de nenhum processo e, deturpando os fatos, visam manter o proletariado na situação de miséria permanente em que vive, pois que a sua libertação significaria o esmagamento da burguesia.

Explorando a ignorância das massas trabalhadoras, os senhores capitalistas não se cansam de invocar a famosa fórmula de "Deus, Pátria e Família", acusando os comunistas de quererem destruir a trindade "sacrosanta" em que se baseia a sociedade burguesa.

Examinemos, detalhadamente, e de um modo tão claro quanto possível, os três elementos da questão.

I. DEUS.- Não negamos, em absoluto, o fato de sermos materialistas; ao contrário, afirmamo-lo abertamente diante da classe operária, procurando mesmo encaminhá-la nesse sentido. A história da sociedade, em sina Marx, não é sinão a história da luta de classes. A sociedade tem passado por várias transformações, e o quadro dominante, ainda hoje, é o de uma sociedade dividida em classes, na qual a burguesia, como possuidora dos meios de produção e de troca, oprime e explora o proletariado. Este, como único produtor na sociedade, como sua fôrça viva, que alimenta, veste e transporta todos os seres dessa sociedade, recebe justamente a parte mais miserável da riqueza social, isto é, o estritamente necessário para renovar a sua fôrça de trabalho, e de novo alugá-la aos detentores dos meios de produção. Os operários procuram, é claro, melhorar o seu nível de vida, para não morrerem de fome. Os capitalistas, cujos interesses são diametralmente opostos aos dos trabalhadores, agem por sua vez e, para evitar a ofensiva proletária, empregam a fôrça, a violência, a tapeação. Desde que existem, burgueses, e proletários vivem numa luta contínua, ora dissimulada, ora aberta, ora mais fraca, ora mais aguda e violenta.

Os fatos, que são a melhor base de todas as afirmações, estão vivos diante de nós. E que nos demonstram os fatos? Que foi com o auxílio de Deus que a burguesia esmagou a nobreza, instalando-se no poder? Que foi com o auxílio de Deus que o proletariado se levantou em 1871, em Paris, e, em 1905, na Rússia? Que foi com o auxílio de Deus que os trabalhadores conseguiram a diminuição da jornada de trabalho, de 12 para 10 e 8 horas? Não! Si quisermos responder honestamente, teremos que reconhecer que só a luta tem resolvido os grandes como os pequenos problemas da humanidade.

Observemos que os trabalhadores, em sua existência de miséria, só têm conseguido alguma coisa, mesmo as pequeninas coisas que apenas atenuam as suas condições de trabalho e de vida, à custa de sofrimentos inauditos, de prisões, de deportações e do sangue de milhares de combatentes. A burguesia, por meio do seu aparelho de Estado, não trepida em responder à bala aos operários que se congregam para reivindicar aumento de salários ou diminuição das horas de trabalho. São fatos incontestáveis.

A maioria da humanidade, é bem verdade, ainda acredita na existência de Deus, si bem que cada indivíduo, desmentindo a lenda bíblica da Criação, o imagine à sua imagem e semelhança. Mas, é possível, então, que esse Deus, sempre amado e invocado através dos séculos, nada tenha conseguido em benefício dos pobres? Limitam-se os seus defensores a declarar que a verdadeira felicidade não está neste mundo. É esta, pelo menos, a resposta que se ouve a cada passo, da boca dos nossos acusadores. Seria o caso de perguntarmos: Si a verdadeira felicidade não está neste, mas no "outro" mundo, porque os senhores burgueses, que são

os primeiros a pregar tão santos princípios, não se despojam de suas riquezas, abandonando o bem-estar em que vivem e entregando as riquezas sociais aos seus produtores, isto é, ao proletariado, para que este faça delas um bem social, comum à sociedade inteira?

Mas, é inútil argumentar. Melhor do que nós, os capitalistas sabem, pela prática, que a religião é o ópio do povo. Difundindo a idéia de Deus, pregando-a nas escolas e nas universidades, construindo templos especiais onde se estupidifica, com essa idéia, a grande massa do povo, e ensinando as criancinhas a temer o "papão", outra coisa não visam os senhores burgueses senão gozar, só eles, o bem-estar na terra, para cederem, de bom grado, uma "futura" felicidade... celestial aos trabalhadores.

O "argumento" da existência de Deus, arditosamente introduzido na luta de classes com fins de tapeação, resume-se, praticamente no seguinte: A vida é assim e assim deve continuar, isto é, a burguesia exploradora bem nutrida e o proletariado explorado passando fome.

II. PÁTRIA.- Para nós, marxistas, o Estado é um instrumento de dominação de classe. Sem discutir, agora, esse ponto-de-vista, apenas observamos que o Estado da sociedade atual, mesmo para um leigo em questões sociais, é o representante da propriedade privada, do capital privado, e, como administrador dos negócios da burguesia, defende, por meio de sua polícia civil ou militar, do exército permanente, da burocracia administrativa, etc., todas as instituições destinadas a manter moral, política e economicamente escravizadas as grandes massas laboriosas.

Que é afinal, a "pátria"? Será a terra? Mas a terra, também nós, comunistas, a amamos, e mais do que os senhores burgueses, porque queremos aproveitar os seus recursos naturais por uma técnica mais adiantada, elevando-a e fazendo-a para todos. Será o "povo", a "nação"? Mas, também nós amamos e defendemos o "povo" e a "nação", muito mais do que os senhores capitalistas, porque estes exploram, oprimem o "povo" e levam a "nação" às guerras de extermínio, ao passo que nós lutamos pelo conforto e pela paz quando pegamos em armas contra a burguesia, tendo como objetivo final a instauração do socialismo. Será o "idioma", serão os "costumes"? Mas, não podemos ser contra o "idioma" e contra os "costumes" quando deles nos utilizamos diariamente, talvez não tão perfeitamente quanto os senhores burgueses, mas, em todo caso, o suficiente para dizermos a verdade para dizermos a verdade aos operários e podermos manter-nos ao nível da civilização humana dos nossos dias. De resto, tanto o idioma como os costumes se modificam constantemente, sem a nossa interferência, sem que para isso precisemos mover um dedo.

De que se trata então? Trata-se precisamente daquilo que a burguesia e os seus lacaios não ousam explicar ao povo. A pátria, para a burguesia, como para o proletariado é uma só e mesma coisa: o Estado. Temos a nossa pátria socialista, quando existe um Estado proletário, assim como os senhores burgueses têm a sua pátria capitalista, quando existe um Estado burguês. A palavra pátria está sujeita à luta de classes, da qual tira o seu significado.

Quando a burguesia prega a "defesa da pátria", sem explicar de que pátria se trata, ela visa justamente impor aos operários a noção ilusória de uma pátria "geral", para que os operários marchem para as guerras de rapina e vão derramar o seu sangue em defesa da pátria capitalista.

Quando Marx, no Manifesto Comunista, escreveu que "os trabalhadores não têm pátria, tinham toda a razão, porque não havia, nessa época, um

274 7

Estado proletário a defender, como é hoje o caso da União Soviética, que continua a ser a pátria dos trabalhadores do mundo inteiro.

Eis como se coloca honestamente a questão.

III. FAMILIA.- No Manifesto Comunista, lançado em 1848, pela Liga dos Comunistas, Marx e Engels, respondendo aos burgueses, explicam porque a burguesia nos acusa de querermos destruir a família: por sermos pela socialização dos meios de produção. E mostra que o burguês fundamenta o seu libelo numa pretensa "socialização das mulheres", porque para o burguês a mulher não passa de simples meio de produção.

Desejar para a mulher direitos iguais aos do homem e pugnar pelo amor livre é, segundo os burgueses, ser contra a família! Mas, em que consiste a "família" burguesa? Na união, quasi sempre hipócrita, puramente formal de dois seres, pelo beneplácito do juiz e pela bênção do padre. Na realidade, a família burguesa está assentada sobre dois alicerces: a prostituição e o adultério. Os senhores burgueses, além de recorrerem constantemente à prostituição, que é por eles julgada uma "instituição necessária", sentem um prazer singular em conquistar as mulheres uns dos outros. É contra essa espécie de "família" que nós, comunistas, nos insurgimos.

Os comunistas querem, ao contrário, a verdadeira família, a que se baseie exclusivamente na ligação voluntária de dois seres que se amam livremente. Em regime comunista não haverá prostituição nem adultério precisamente porque existirá uma família em seu verdadeiro sentido, humano, e não legal ou religioso. Não haverá prostituição, em primeiro lugar, porque as mulheres abandonadas não terão necessidade de prostituir-se para ganhar o pão, e, em segundo lugar, porque os homens não terão necessidade de recorrer as prostitutas para satisfação de suas necessidades sexuais. E não haverá adultério, porque livremente ligados pelo amor e não pelo interesse, espontaneamente e não por imposição dos pais, por sua própria vontade e não pela vontade da Igreja ou do Estado, os conjugues poderão separar-se também livremente no momento em que não mais existam as afinidades que, de início, justificavam a sua ligação.

Não queremos "dissover" a família, como nos acusam os capitalistas e os seus lacaios. Não podemos dissolver o que não existe. Queremos construí-la.

## QUE É O NACIONAL-SOCIALISMO?

L. Trotsky

Espíritos ingênuos acreditam que a condição real reside na pessoa do rei, no seu manto de arminho e na sua coroa, na sua carne e no seu sangue. Na realidade, essa condição real é uma relação entre pessoas. O rei só é rei porque em sua pessoa se reflectem os interesses e os preconceitos de milhões de seres. Quando essas relações são rejeitadas pela corrente da evolução, o rei se torna um homem gasto, de labio pendente. A esse respeito, poder-se-ia interrogar, sobre as suas impressões ainda frescas, aquele que se chamava outrora Afonso XIII.

Do chefe pela graça de Deus distingue-se o chefe pela graça do povo pelo fato deste último ser obrigado, si não a abrir o seu caminho, pelo menos a ajudar as circunstâncias a fazê-lo. Mas, o chefe é também

uma relação entre pessoas, uma oferta individual para atender a um pedido coletivo. As discussões sobre a personalidade de Hitler são tanto mais vivas quanto mais se procuram nele os mistérios de sua vitória. Seria, porém, difícil encontrar outra figura política que reúna tantas forças históricas impessoais. ~~XXXX~~ Nem todo pequeno burguês furioso poderia tornar-se Hitler, mas uma parcela de Hitler existe em todo pequeno pequeno burguês furioso.

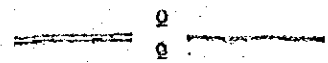
O rápido crescimento do capitalismo alemão de pré-guerra não significava, de modo algum, a simples destruição das classes intermediárias; arruinando certas camadas da pequena burguesia, esse capitalismo criava outras: artesãos e pequenos lojistas ao redor das usinas, técnicos e empregados dentro das usinas. Contudo, enquanto se mantinham e até aumentavam em número, bastando dizer que a pequena burguesia antiga e nova representa pouco mais da metade do povo alemão, as classes intermediárias perdiam o último vislumbre de sua independência, passando a viver na periferia da grande indústria e do sistema bancário, nutrindo-se dos restos da mesa dos trusts monopolizados e dos cartels, e da esmola espiritual dos seus teóricos e políticos profissionais.

No caminho da imperialismo alemão, a derrota levantou um muro. A dinâmica exterior transformou-se em dinâmica interior. A guerra transformou-se em revolução. A social-democracia, que ajudou o Hohenzollern a fazer a guerra até o seu fim trágico, não deixou o proletariado levar a revolução até o fim. A democracia de Weimar gastou 14 anos para dispensar a sua própria existência. O Partido Comunista concitava os operários a uma nova revolução, mas se revelava incapaz de dirigi-la. O proletariado alemão passava, pelos altos e baixos da guerra, da revolução, do parlamentarismo e do pseudo-bolchevismo. Ao mesmo tempo que os velhos partidos burgueses se esgotavam totalmente, a força dinâmica da classe operária achava-se minada.

O caos de pós-guerra atingiu os artesãos, os comerciantes e os empregados não menos cruelmente do que aos operários. A crise agrária arruinava os camponeses. O definhamento das classes médias não podia significar a sua proletarianização, uma vez que o próprio proletariado dava nascimento a um gigantesco exército de desocupados crônicos. A pauperização da pequena burguesia, mal dissimulada pelas gravatas e meias de seda artificial, dissipou todas as esperanças oficiais e, antes de tudo, a doutrina do parlamentarismo democrático.

O grande número de partidos, febre algida das eleições, a mudança contínua dos ministérios, agravavam a crise social com um caleidoscópio de combinações políticas estéreis. Na atmosfera sobrecarregada pela guerra, a derrota, as reparações, a inflação, a ocupação do Ruhr, a crise, a miséria e o desespero, a pequena burguesia insurgiu-se contra todos os velhos partidos que a tinham enganado. As violentas queixas dos pequenos proprietários mergulhados na bancarrota, dos seus filhos, universitários sem emprego e sem clientes, de suas filhas sem dotes e sem noivos, exigiam a ordem e uma mão de ferro.

(Continua no próximo número).



DIVULGAR "A LUTA DE CLASSE" E "O COMUNISTA" É O DEVER DE TODO MILITANTE REVOLUCIONÁRIO!

